

RELAÇÕES AFETIVAS E VALORES CAPITALISTAS

Mateus Vieira Orio

Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Sociologia (UFG), Graduado em Ciências Sociais (UFG).

A amizade costuma ser caracterizada como uma relação afetuosa entre duas ou mais pessoas, que envolve um conjunto de afinidades, lealdade, altruísmo e práticas cotidianas conjuntas. Porém, na sociedade contemporânea (sociedade capitalista) a amizade (e as relações afetivas em geral) é também permeada por valores inautênticos, cobranças imperiosas, conflitos de lealdade, falsidade e egoísmo.

As relações afetivas se constituem a partir dos locais de convívio das pessoas: família, instituições de ensino, trabalho, etc. E estes locais não estão isolados da totalidade da sociedade. Então, por mais que alguns considerem que “o mundo do lado de fora” não interfere em suas relações familiares; ou que a amizade (entre outras relações) está acima de tudo; ou que os problemas no trabalho não interferem na relação afetiva entre colegas; todos estes ambientes estão imersos em um conjunto de relações sociais que possuem como determinações aspectos globais de sociabilidade.

Desta forma, muito das relações afetivas que são constituídas estão permeadas pelos valores dominantes na sociedade capitalista, como a competição e o individualismo. Isso porque contemporaneamente as pessoas precisam sobreviver a partir de um emprego, de uma atribuição da sociedade capitalista. E por mais que alguém diga não participar da sociedade capitalista, isto é uma ilusão. É possível se

opor ao capitalismo, criticá-lo e lutar contra este tipo de sociedade que nos assola, porém não é possível estar fora disso.

Tomemos um exemplo para melhor ilustrar esta argumentação: o consumo. O consumo é apenas um elemento da sociabilidade capitalista, elemento este que não existe sem a sua devida produção. Neste sentido, deixar de beber coca cola ou, em geral, de comprar produtos de grandes companhias capitalistas, não significa romper com o capitalismo, mas apenas com uma ou outra empresa, o que não impossibilita a ruptura com o conjunto de empresas que produzem bens a partir da exploração do trabalho nos moldes capitalistas. Do mesmo modo, viver “de doações” ou viver de forma “rústica”, em contato com a natureza, etc. não constitui ruptura com o modo de produção capitalista, mas simplesmente indica o afastamento individual de um ou outro elemento deste modo de produção que, por sua vez, é social, não individual. Não constitui, portanto, ruptura com o capitalismo, pois o mesmo continua existindo e sendo determinante em inúmeras relações, podendo incluir até mesmo as relações que permitem que um indivíduo viva “de doações” ou que outro deixe de consumir carne Friboi, pois isso só é possível graças à existência de outros indivíduos que possuem condições de fazer doações e de outros produtores de carne, nestes exemplos.

Portanto, viver na sociedade contemporânea implica em viver na sociedade capitalista, que traz consigo uma forma de socialização que inculca determinados valores. Desta forma, na constituição de relações afetivas, no trabalho, por exemplo, o elemento da competição pode ter prevalência em relação a lealdade, altruísmo, etc. E, por isso, muitos indivíduos acabam buscando se relacionar com outros por interesse, ou seja, almejando subir de cargo, obter informações úteis para se sobressair, e também como forma de descobrir fragilidades que possam prejudicar o outro.

Assim também, nas escolas e universidades um “colega” pode se aliar a outro para obter boas notas, melhorar sua relação com o professor ou conseguir contatos e indicações futuras, bem como pode bajular determinados indivíduos para obter sucesso profissional e aceitação. E, desta forma, atitudes egoístas e individualistas passam a

Revista Posição

mediar relações em que um indivíduo deseja sobrepujar os demais: ser mais prestigiado, ganhar mais presentes ou elogios, ganhar uma vaga de emprego/ estágio, etc. E estes tipos de relação se desenvolvem não só nas relações de trabalho/ estudos, como também nas relações afetivas em geral, como quando uma pessoa deseja ser “mais amiga” de outra ou ser a “melhor amiga”, ou nos relacionamentos amorosos quando uma pessoa “concorre” pelo amor de outra.

Por fim, os valores dominantes na sociedade capitalista são transmitidos no processo pelo qual os indivíduos são formados para conviver em sociedade. Neste processo, com todas as dificuldades e obrigações que impõe, as pessoas acabam sendo levadas a reproduzir determinados tipos de valores, como o egoísmo e o individualismo, que não correspondem à constituição de relações sociais autênticas, fundamentadas no ser humano como valor fundamental, ou seja, relações sociais baseadas na solidariedade e na busca da realização das potencialidades humanas.

O fundamento das relações sociais autênticas existe em todos os seres humanos como potencial. Mas muitas vezes entra em conflito com os valores da sociabilidade capitalista. Por isso, muitos indivíduos se confrontam com situações as quais têm muita dificuldade em definir entre a amizade e o interesse individual. Estas são situações nas quais existe um conflito de valores: um conflito entre os valores humanistas e os valores capitalistas, entre a busca da solidariedade com o outro e a busca do sucesso individual nos moldes capitalistas. O próprio conflito demonstra que os valores capitalistas não “possuem” o indivíduo totalmente, havendo sempre uma margem para a manifestação de valores humanistas, ou seja, de valores autênticos. Mas as fugas de um ou outro elemento isolado da sociedade capitalista não levam a prevalência dos valores autênticos sobre os inautênticos. Pois estes são fruto de um processo social e a ruptura com eles deve ser, portanto, também social.

Nesse sentido, a busca da manifestação de valores autênticos é também uma forma de crítica à sociabilidade capitalista e pode se constituir em um movimento rumo à ruptura com esta sociabilidade. E a consolidação dos valores humanistas perpassa pela

Revista Posição

ruptura com a sociedade capitalista que é a origem dos valores inautênticos que interferem nas relações afetivas. E assim, buscar uma sociedade alternativa ao capitalismo é caminhar em busca da efetivação de relações afetivas autênticas, baseadas no ser humano como valor fundamental.